

Resenha

UMA BAÍA. Direção: Murilo Salles. Produção: Murilo Salles. Rio de Janeiro, Pandora Filmes, 2023.

Cultura oceânica e cinema: *UMA BAÍA* de Murilo Salles

Edson Pereira Silva*

Luca Ribeiro Mendes Nicola**

Carmen Edith Pazoto***

Victor Hugo Cordeiro Vianna****

Michelle Rezende Duarte*****

Introdução

O cinema é, entre as sete artes – pintura, escultura, música, literatura, dança, arquitetura são as seis primeiras definidas por Hegel entre 1820-21 (Hegel, 2001) –, aquela que vai se constituir em íntima relação com a ciência, o desenvolvimento técnico e a revolução industrial (Benjamin, 1969) e, talvez, seja uma daquelas com maior apelo popular e presença ubíqua na vida cotidiana. Nesse sentido, os efeitos didático-pedagógicos do cinema não podem ser negligenciados e tem sido objeto de estudos tanto para sua compreensão quanto para o seu uso. (Bergala, 2016) Um exemplo disso é sua utilização para discutir os efeitos da crise ecológica no oceano. (Prá e D'Agostini, 2023)

A atual crise ecológica no oceano é produto dos impactos causados pelas atividades da organização social humana, ou seja, a forma como ela produz e reproduz seu modo de vida sob o sistema capitalista de produção. A partir da década de 1980, as

*Professor Associado da Universidade Federal Fluminense, Laboratório de Genética Marinha e Evolução (LGME-UFF). E-mail: edsonpereirasilva@id.uff.br URL CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5117796485284748> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3210-1127>

** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Biologia Marinha e Ambientes Costeiros, Laboratório de Genética Marinha e Evolução (LGME-UFF), Universidade Federal Fluminense. E-mail: luca.nicola2233@gmail.com. URL CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5813444045698982>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3021-6553>

*** Pós-doc no Laboratório de Genética Marinha e Evolução (LGME-UFF), Universidade Federal Fluminense. E-mail: carmenpazoto@gmail.com. URL CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6231757253598609>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5724-5939>

**** Licenciando em Ciência Biológicas, Laboratório de Genética Marinha e Evolução (LGME-UFF), Universidade Federal Fluminense. E-mail: victorcordeiro@id.uff.br. URL CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1007528579471675>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2892-1296>

***** Pós-doc no Programa de Pós-Graduação em Biologia Marinha e Ambientes Costeiros, Laboratório de Genética Marinha e Evolução (LGME-UFF), Universidade Federal Fluminense. E-mail: michellerezendeduarte@yahoo.com.br. URL CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4364575322874194>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6175-7777>

altas temperaturas médias registradas pela queima de combustíveis fósseis davam indícios de que a estabilidade do planeta estava sob ameaça. Tanto que foram definidos processos cuja ultrapassagem de determinados limites de perturbação poderiam significar um ponto de não retorno, e os impactos no planeta seriam irreversíveis. (Wijkman e Rockström, 2012) Já no início do século XXI, seis dos nove limites planetários já se encontravam ultrapassados (mudanças climáticas, integridade da biosfera, mudança no manejo da terra, uso de água doce, ciclos biogeoquímicos e novas entidades), levando alguns a considerarem que o planeta já se encontra em uma nova época geológica, o chamado Antropoceno. (Wijkman e Rockström, 2012)

Diante deste cenário de crise ecológica e emergência climática, a cultura oceânica surge como um movimento internacional com o objetivo de compreender e estudar os modos de atuar para preservação e manejo sustentável do oceano. Contudo, seja na sua primeira ou segunda fase, a cultura oceânica parece não considerar de maneira adequada as relações dialéticas entre organização da sociedade e a natureza como uma realidade histórica. (Marx e Engels, 2007) Neste sentido, este artigo pretende discutir como o filme *UMA BAÍA*, do diretor Murilo Salles, ganhador do prêmio de melhor direção e melhor montagem no Festival do Rio de 2021, é um exemplo daquilo que deveria ser uma terceira fase da cultura oceânica. Ou seja, a relação de dupla determinação sociedade-natureza aparece no documentário de forma absolutamente explícita sem, contudo, lançar mão de uma estrutura narrativa (prosa), mas fazendo o trabalho numa perspectiva poética que, aqui neste artigo, se considera a mais adequada para uma visada crítica dos problemas da crise ecológica no oceano.

De modo a explicitar de maneira mais detalhada os pressupostos teóricos que serão usados na análise/resenha crítica do filme *UMA BAÍA*, as próximas seções apresentarão uma breve revisão sobre cultura oceânica e cinema. A conclusão deste artigo será dedicada a definir aquilo que está sendo chamado de uma terceira fase necessária da cultura oceânica como campo de estudo, compreensão e ação para o estabelecimento de uma relação de qualidade nova entre sociedade-natureza.

1. Cultura oceânica

No Brasil, “Cultura oceânica” é a tradução que se estabeleceu para o termo em inglês “Ocean literacy” que, nos Estados Unidos, é um movimento surgido em 2004 com o propósito de trazer à atenção do grande público a necessidade de conservar o oceano. (Mauricio *et al.*, 2021) Naquele momento, um grupo de cientistas e educadores marinhos, preocupados com a crise ecológica no oceano, julgou que o problema estava relacionado ao desconhecimento da população com respeito às ameaças que problemas como a sobrepesca, acidificação, aquecimento das águas e acúmulo de lixo poderiam trazer às condições de reprodução ecológica do oceano. Por sua vez, esse desconhecimento estaria relacionado à carência de conteúdos referentes ao ambiente marinho no currículo da educação formal. Nesse sentido, foi definido que era necessário incluir nos currículos escolares conteúdos que permitissem “a compreensão da influência do oceano nos seres humanos e dos seres humanos no oceano”.¹ (Schoedi-

¹ A frase literal em inglês é “Ocean literacy is an understanding of the ocean’s influence on humans and their influence on the ocean”.

nger *et al.*, 2006, p. 45) Para tanto, foram definidos 7 princípios e 45 conceitos do movimento, que representavam um guia para os esforços de incluir temas relativos ao oceano no currículo escolar. (Ocean Literacy Network, 2020)

Nessa primeira fase da cultura oceânica – que vai da sua concepção em 2004 até o final da década de 2010 – aderem ao movimento diversos grupos de cientistas ao redor do mundo, sendo possível perceber um pressuposto importante: a noção de alfabetização oceânica. (McKinley *et al.*, 2023) Ou seja, o movimento era informado por um pressuposto iluminista, que supunha uma ligação direta entre nível de conhecimento e mudança de hábitos e atitudes individuais em relação ao ambiente marinho, o que levaria a um comportamento sustentável. No entanto, pesquisas no campo da cultura oceânica demonstraram que o conhecimento por si só não era capaz de produzir um comportamento sustentável, pois outros fatores como diferenças individuais de percepção da importância do oceano, conexão emocional com o ambiente marinho, proximidade da moradia em relação à costa e as estratégias de comunicação utilizadas eram, também, fundamentais para alcançar o objetivo de promover uma cultura oceânica. (McKinley *et al.*, 2023) Isso levou o movimento da cultura oceânica ao que pode ser entendido como a sua segunda fase.

A segunda fase da cultura oceânica expande seu campo de ação para além da educação formal e passa a defender que, para engajar os indivíduos em hábitos de vida sustentáveis, seria necessário diversificar as suas ações para além de mudanças curriculares. Desse modo, passam a ser incentivadas atividades em espaços informais e não-formais de educação como, por exemplo, experiências imersivas, exposições artísticas, visitas guiadas em museus, conversas em praças públicas, entre outras. Assim, a segunda fase da cultura oceânica é marcada por uma passagem da noção de alfabetização, letramento ou literacia para uma noção mais ampla de cultura que justifica que, no Brasil, tenha sido essa a tradução adotada para o termo “ocean literacy”. (Maurício *et al.*, 2021) Nesse sentido, além dos 7 princípios e 45 conceitos, foram estabelecidas 10 dimensões que devem ser trabalhadas em atividades de cultura oceânica. (McKinley *et al.*, 2023)

2. Cinema

O que é o cinema? As respostas para essa pergunta podem ser tão díspares quanto arte, indústria e mercadoria, o que demonstra que o cinema pode servir tanto ao entretenimento, quanto à reflexão crítica ou mesmo à submissão ideológica do espectador. Essa questão deixa entrever a complexidade teórica da sua aproximação. Tomando como ponto de partida o referencial da teoria crítica, oriunda da Escola de Frankfurt, será possível encontrar interpretações tão pessimistas quanto aquelas de Theodor W. Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), que definirão a maior parte dos filmes como produtos de uma indústria cultural que estende a jornada de trabalho do proletariado aos seus momentos de lazer (Adorno e Horkheimer, 1969). Por outro lado, Walter Benjamin (1892-1940) terá uma visão mais otimista, encarando o cinema como uma arte que nasce com o desenvolvimento das técnicas de reprodução e, portanto, apresenta uma dialética entre o novo caráter revolucionário e democrático da reproduzibilidade, e o velho caráter reacionário de mercadoria, acumulando mais-valia. (Benjamin, 1969)

Outra perspectiva muito interessante, pelo menos para a análise fílmica, é tomar o cinema como um objeto de linguagem. (Metz, 1989) Ou seja, o cinema pode ser entendido não como um veículo de mensagens ou comunicação, mas como um objeto produtor de sentidos. Isso valoriza a análise dos filmes a partir das suas unidades significantes, os planos, em detrimento das suas unidades narrativas, as sequências e cenas. (Eisenstein, 1969) Assim, conhecer um filme é um trabalho de leitura da sua linguagem ao invés de uma compreensão do desenvolvimento dos seus aparatos técnicos como os efeitos especiais, computação gráfica etc. Pode ser dito, então, que o cinema é mais poesia do que prosa (narrativa).

A prosa é a linguagem, por exemplo, da ciência, que se caracteriza, fundamentalmente, pelo apartamento entre aquele que quer conhecer (sujeito) e aquilo por ser conhecido (objeto). Nesse sentido, a linguagem na ciência se dedica a analisar, descrever, ilustrar, narrar, comentar um objeto, aquele objeto que se pretende conhecer. A linguagem na ciência, portanto, é regida pelas regras da clareza, exatidão, inteligibilidade. É uma linguagem para compreensão de um objeto que está fora dela. (Faustino, 1977) O cinema, por outro lado, é uma cadeia significativa que se constitui no mundo a partir da montagem de unidades construídas no átimo: ação! corta! Ou seja, na montagem de planos. Essa definição assume que o cinema é o objeto. Nesse sentido, longe dos objetivos da prosa, ele se identifica mais com a poesia que suscita, sintetiza, cria, recria o objeto na linguagem. O cinema como a poesia é uma operação de nomeação e, assim, um ato criador.

Dito isso, se compreende que o cinema mantém (ou deveria manter) com a realidade instituída uma relação de estranhamento e tensão. Numa palavra, a relação entre o cinema e o real concreto é (e deve ser) dialética. É nesse diálogo de diferentes que, para fora de ambos, na diferença, é produzida uma visada crítica. A relação dialética entre cinema e realidade está para além da representação (verossimilhança) e tem como síntese (ela mesma grávida de estranhamentos e tensões) o questionamento da realidade instituída e a compreensão do caráter instituinte da realidade. Ou seja, o aproveitamento da visada crítica para discussão do cinema como poesia recriadora do objeto concreto dado (a realidade imediata).

Acredita-se que essa forma de entender as relações entre o cinema e o real concreto, e sua síntese como visada crítica, estabelece a perspectiva excitante de não oferecer cartilhas de transformação da realidade, mas, pelo contrário, é a compreensão da relação dialética que promove, nas diferentes condições objetivas, propostas coletivas de trabalho com a realidade. De forma diferente da ciência, que é pura prosa, no cinema a relação com o referencial não é de submissão, mas de subversão.

3. O filme

UMA BAÍA de Murilo Salles (Salles, 2021) é uma aula eloquente de cinema, cultura oceânica e de “análise concreta da situação concreta” (Lênin, 1986, p. 140), sem que nenhuma mensagem seja enunciada, exposta ou dita no sentido da linguagem verbal ou naquilo que se entende como comunicação. O filme é uma obra e como tal cumpre o seu papel de ser um objeto de apreciação e, ao mesmo tempo, um estopim que desencadeia o pensamento crítico do espectador ao desnudar o fato de que “O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade” (Marx, 2011, p. 77), o que é feito demonstrando a relação dialética de dupla determinação estabelecida entre sociedade e natureza.

A começar pelo título *UMA BAÍA*, que compõe dois significantes em unidade na diferença. O universal concreto pensado “baía”, que define uma reentrância da costa na qual o mar avança para o interior do continente se tornando uma porção do oceano rodeada pela terra e, ao mesmo tempo, o artigo “uma”, classe gramatical que especifica, singulariza o objeto. Portanto, tensão de contrários (geral *versus* específico, universal *versus* singular) e unidade na diversidade, uma vez que o título, tanto no cartaz quanto no filme, e seu trailer, são anunciados em maiúsculas, produzindo a unidade do universal e do singular. Certamente, embora não obrigatoriamente proposital, uma construção poética.

Apreciado o cartaz, adentrada a sala e apagadas as luzes, o público não terá facilidades. O documentário dispensa os elementos mais básicos de identificação, projeção e estrutura narrativa. Assim, não existem protagonistas que possam ser apontados, nenhuma das pessoas que aparecem na tela têm nome, os locais não são indicados, não há narrador, não existem diálogos (embora algumas falas possam ser ouvidas). Desse modo, a não ser por um letreiro em algarismos romanos que enumera uma sequência de oito capítulos, o filme não dá, mas cobra da audiência o seu trabalho de significação das imagens que são montadas como um poema.

Mais ainda, o trabalho com o som é outra mestria. São navios rangendo, galopes, respiração, excertos de narrações televisivas, cultos evangélicos, conversas de rua etc. Nada narra ou explica, mas comenta, compõe, se relaciona, criando junto às imagens a necessidade de um audiente que, também, deve ser ouvinte em um *relais* de significação que não para de demandar a produção de sentido. Nisso, interpela de quem vê e ouve também o pensamento e, para além, os outros sentidos e as sensações, fazendo com que os presentes na sala escura sejam tomados pela experiência do cinema na sua dimensão poética, ativa e crítica da realidade. Cinema é poesia e poesia é interpelação crítica do objeto.

Mas de que trata *UMA BAÍA*? O longa metragem (1h 50 minutos) trabalha com o que é negligenciado pela maioria das abordagens ecologistas, ambientalistas, da educação ambiental e da cultura oceânica: o fato de que a relação natureza-sociedade é uma relação dialética na qual o um (sociedade ou natureza) e o outro (natureza ou sociedade) se autodefinem, se autoconstituem. Existe uma inseparabilidade entre o mundo da natureza e o mundo humano. O ser humano é um ser natural e, como tal, parte integrante da natureza. Não existe espécie humana, sociedade humana, sem a natureza. Contudo, o humano e a sociedade, na história dos seus modos de produção e reprodução da vida cotidiana, se distinguem da natureza na medida em que com ela se relacionam de forma mediada pelo trabalho. (Marx e Engels, 2007)

É o desnudamento da relação sociedade-natureza que está presente em *UMA BAÍA*, de modo que quem assiste entende (sem uma palavra) que a Baía de Guanabara não é um cartão postal da cidade do Rio de Janeiro, mas um corpo d’água vivo, e não apenas pela sua biodiversidade (que está presente, também, nas suas cenas), mas pela história de relação com o humano-social-histórico. O humano é a natureza e a natureza é o humano, seja no ranger do aço no porto, no caranguejo que escapa da captura, na refeição de família ao final de semana.

Apenas para sistematizar o que está sendo dito sobre essa relação são resumidos, abaixo, os oito capítulos que constituem o filme:

- I. Rolos de minério de ferro, guindastes, estivadores, excertos de telejornais e culto evangélico.
- II. Catador de caranguejos, os caranguejos, manguezal.
- III. Barbeiro, lida, crenças, esperanças, um peixe para o almoço de final de semana.
- IV. Feira, almoço familiar de caranguejo, trabalho de pedreiro, bicicleta na comunidade, pesca.
- V. Quilombolas, confraternização de rua, esteira de peixe na indústria de pescado.
- VI. Artesania da construção naval de fundo de quintal com material reciclado.
- VII. Cavalo e sua lida de trota no transporte humano.
- VIII. Coleta de mariscos, fundo do mar, pilares da ponte de concreto.

Para terminar essa apreciação crítica do filme *UMA BAÍÁ* é necessário marcar, ainda, o trabalho primoroso de câmera, que toma pontos de vista inusitados como a perspectiva de um caranguejo, a dinâmica do trote de um cavalo, a modorra mastodôntica de um navio, a respiração de poeira de minério de tratores e assim por diante. Fica evidente, mais uma vez, na escolha de ângulos tão *sui generis*, as relações humano-biodiversidade-ambiente-máquinas-objetos que se fazem na produção e reprodução dos modos de vida numa natureza, que incluem não só o meio externo, mas, também, a sociedade e seus produtos. Também neste sentido, a alternância entre planos gerais – nos quais se assume a posição de observador dos personagens em cena – e planos fechados – nos quais se “encarna” as personagens – é um recurso de filmagem que aprofunda a dialética universal-singular enunciada no título, e que caracteriza o desenvolvimento histórico da relação sociedade-oceano. Em síntese, *UMA BAÍÁ* está muito além do óbvio e do senso comum, seja na sua linguagem fílmica poética, seja no desnudamento e desalienação que faz das relações sujeito-objeto, seja na compreensão das relações dialéticas entre sociedade e natureza, seja na sua interpelação crítica de quem o vê.

4. Cinema e uma terceira fase da cultura oceânica

A relação entre a sociedade e a natureza foi denominada por Karl Marx (1818-1883) de metabolismo social. No modo de produção capitalista esse metabolismo está submetido ao valor de troca, em detrimento do valor de uso dos bens de consumo. (Foster, 2005) Neste sentido, a extração de recursos renováveis acontece numa taxa que supera a capacidade de recuperação do meio ambiente. Esta contradição é chamada de falha metabólica e está na raiz da crise ecológica do mundo moderno e contemporâneo. (Foster e Clark, 2020) Neste cenário, o desenvolvimento da ciência e das técnicas tem sido apontado tanto como promotor (teorias do decrescimento – Research and Degrowth, 2010), quanto como solução da crise ecológica (teorias do capitalismo verde – United Nations, 2020), e a cultura oceânica é a mais recente proposta de ação educativa para superar a “cegueira oceânica”.

Definida como a compreensão da influência humana nos oceanos e a influência dos oceanos na sociedade humana, a cultura oceânica pretende contribuir para uma relação consciente do cidadão com o oceano. Contudo, na sua primeira fase está focada numa lógica iluminista que endereça a transformação do indivíduo, quando o

modo de produção capitalista impõe um processo de alienação-fetichização que secundariza o valor de uso dos recursos marinhos e primariza seu valor de troca. Na sua segunda fase, a cultura oceânica incorpora uma perspectiva pluralista que valoriza o diálogo com os diversos segmentos da população, e a complexidade das suas relações com o oceano. No entanto, em nenhum dos dois casos, os princípios, conceitos e dimensões da cultura oceânica oferecem uma análise estrutural da crise ecológica que enderece o seu caráter histórico e, portanto, a sua relação intrínseca com modo de produção capitalista. Diante das limitações teóricas do atual estado da arte da cultura oceânica, acredita-se que seja necessária a incorporação da teoria da falha metabólica ao seu aparato teórico de análise e trabalho. Assim, teríamos uma terceira fase da cultura oceânica, capaz de instrumentalizar a sociedade para os desafios relativos às questões oceânicas tais quais a acidificação do oceano, a extinção da biodiversidade, a sobrepesca etc.

Em síntese, nesse artigo está sendo defendido que a teoria ecológica do materialismo histórico-dialético pode contribuir para superação de teorias desenvolvimentistas ou catastrofistas a respeito da crise ecológica como um todo, e das ações educativas que pretendem uma relação sustentável com o oceano. Para tanto, é necessário reconhecer o caráter de classe da exploração do mar, superando a alienação do desenvolvimento científico-tecnológico e das ideologias individualistas baseadas em pressupostos iluministas ou pluralistas, que dominam as ações educativas que pretendem lidar com o problema no campo da educação. Nesse sentido, o filme *UMA BAÍA* constitui uma obra na qual todas as questões relativas a uma cultura oceânica crítica (terceira fase necessária da cultura oceânica) estão postas na forma de arte, poética e crítica. Embora não possa ser considerada uma obra marxista *stricto sensu*, o documentário produz um objeto de apreciação que desnuda as relações de dupla determinação entre sociedade e natureza, demonstrando de maneira inequívoca, a partir da melhor perspectiva cinematográfica, uma sociedade que é natureza e uma natureza que é sociedade.

Referências

- ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1969.
- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução”. In: GRUNEWALD, José Lino (org.). *A idéia do cinema*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969, p. 58-95.
- BERGALA, Alain. *The cinema hypothesis: teaching cinema in the classroom and beyond*. Vienna: Filmmuseum Synema Publikationen, 2016.
- EISENSTEIN, Serguei Mikhailovitch. “O princípio cinematográfico e o ideograma”. In: GRUNEWALD, José Lino (org.). *A idéia do cinema*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969, p. 97-114.
- FAUSTINO, Mário. *Poesia-experiência*. Coleção Debates n° 136. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- FOSTER, John Bellamy; CLARK, Brett. “Marxismo e a dialética da ecologia”. *Crítica marxista*, Campinas, v.50, 2020, p. 171-191.
- FOSTER, John Bellamy. *A ecologia de Marx: materialismo e natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de estética*. Volume I. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: EDUSP, 2001 [1835].
- LÊNIN, Vladimir Ilyich. “Kommunismus: revista de La internacional comunista para los países de Europa Sudoriental (En Aleman)”. Viena, cuadernos 1-2, del 1° de febrero de 1920, AL 18, del 8 de mayo de 1920. In: LÊNIN, Vladimir Ilyich. *Obras completas, Tomo 41*. Moscou: Editorial Progreso, 1986 [1920], p. 139-141.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo, 2007 [1932/1845-1846].
- MARX, Karl. “Introdução: produção, consumo, distribuição, troca (circulação)”. In: MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858 – esboços da crítica da economia política*. São Paulo, Rio de Janeiro: Boitempo/Ed. UFRJ, 2011 [1857/58], p. 52-95.
- MAURÍCIO, Carmen Edith Pazoto; DUARTE, Michelle Rezende; SILVA, Edson Pereira. “Pela valorização dos oceanos nas escolas”. *Ciência hoje*, Rio de Janeiro, v. 377, 2021, p. 46-52. Disponível em: <<https://cienciahoje.org.br/artigo/pela-valorizacao-dos-oceanos-na-educacao/>>. Acesso em: 10/11/2023.
- MCKINLEY, Emma; BURDON, Daryl; SHELLOCK, Rebecca Jane. “The evolution of ocean literacy: a new framework for the United Nations Ocean Decade and beyond”. *Marine pollution bulletin*, Amsterdam, v. 186, jan, 2023, 114467 (9 p). DOI:<<https://doi.org/10.1016/j.marpolbul.2022.114467>>.
- METZ, Christian. *Linguagem e cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- OCEAN LITERACY NETWORK. *Ocean literacy: the essential principles and fundamental concepts of ocean sciences for learners of all ages*. Version 3, 2020. Disponível em: <<https://oceanliteracy.unesco.org/resource/ocean-literacy-the-essential->

principles-and-fundamental-concepts-of-ocean-sciences-for-learners-of-all-ages-2020/>. Acesso em: 11/05/2024.

PRÁ, Luísa Gonçalo; D'AGOSTINI, Adriana. "O mar não está para peixe: análise marxista dos discursos contidos no documentário 'Seaspiracy: mar vermelho' (2021)". *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 15, n. 1, 2023, p.524-537.

RESEARCH AND DEGROWTH. "Degrowth declaration of the Paris 2008 conference". *Journal of Cleaner Production*, Amsterdam, v. 18, n. 6, 2010, p. 523-524.

SALLES, Murilo (Diretor). *UMA BAÍA*. 110 minutos. Produção: Murilo Salles. Rio de Janeiro: Cinema Brasil Digital, 2021.

SCHOEDINGER, Sarah; CAVA, Francesca; JEWELL, Beth. "The need for ocean literacy in the classroom". *The Science Teacher*, Richmond, v. 73, n. 6, 2006, p. 44-53.

UNITED NATIONS. "The climate crisis – a race we can win". In: *United Nations. UN 75-2020 and beyond: shaping our future together*. 2020. Disponível em: <<https://www.un.org/en/un75>>. Acesso em: 07/08/2023.

WIJKMAN, Anders & ROCKSTRÖM, Johan. *Bankrupting nature: denying our planetary boundaries*. London and New York: Routledge, 2012.

Recebido em 13 de junho de 2024

Aprovado em 20 de junho de 2024